

**CENTRO PAULA SOUSA
ETEC DE CIDADE TIRADENTES
Curso Técnico de Nível Médio em Administração**

**EXPANSÃO DA ECONOMIA COMPARTILHADA E SUAS
COMPLEXIDADES, NO BAIRRO DE CIDADE TIRADENTES
NA CIDADE DE SÃO PAULO; PÓS PANDEMIA.**

**Anna Beatryz Alves de Oliveira Sofientini
Emily Cristina Ferreira Santiago
Gabrielly Lima de Andrade
Hellen Tavares Alcântara
Isaque Sergio Melo Alves
Ygor Samuel Napoleão de Sousa**

Orientadora: Priscila Lima Pio

**SÃO PAULO
2024**

RESUMO

A seguinte pesquisa retrata o tema Economia Compartilhada, que se define como um sistema econômico com base no compartilhamento de bens e serviços entre os indivíduos, tanto presencialmente, quanto por meios virtuais através de plataformas digitais, segmentando a evolução tecnológica. Iniciamos o trabalho com definições em torno da temática, remontando os acontecimentos históricos, abrangendo as complexidades dos ramos econômicos: economia de mercado, planificada, mista, industrial e circular. Houve um marco da economia de compartilhamento desde o ano de 2008 até seu cenário atual, tendo como estopim o

1

Anna Beatryz Alves de Oliveira Sofientini¹ - anna.sofientini@etec.sp.gov.br
Emily Cristina Ferreira Santiago² - emily.santiago@etec.sp.gov.br
Gabrielly Lima de Andrade³ - gabrielly.andrade11@etec.sp.gov.br
Hellen Tavares Alcântara⁴ - hellen.alcantara@etec.sp.gov.br
Isaque Sergio Melo Alves⁵ - isaque.alves4@etec.sp.gov.br
Ygor Samuel Napoleão de Sousa⁶ - ygor.sousa01@etec.sp.gov.br

período durante a pandemia. Não só descrevemos a distinção entre o modelo de compartilhamento e o modelo colaborativo. Como também evidenciamos a maneira como o modelo econômico é utilizado pelos residentes da Cidade Tiradentes, em principal sendo, por meio de alocação, ecommerce e streaming. Analisamos também através de referenciais teóricos primários as diversas conveniências ofertadas pelo modelo e observamos uma disrupção na perspectiva de trabalho. Outrossim, foi demonstrado as práticas sustentáveis da economia compartilhada, como o consumo consciente e produção responsável, assim como os impactos ocasionados. Para a elaboração do projeto utilizamos diferentes tipos de meios: bibliográfica, telematizada e pesquisa de campo, para alcançarmos os seguintes fins: exploratória, explicativa e descritiva. Por fim, foi realizado um levantamento dentro do bairro Cidade Tiradentes, afirmando a exorbitância da dependência da economia de compartilhamento dos usuários, servindo como referencial teórico secundário, ademais comprovou as hipóteses deste trabalho, envolvendo questões como as sustentáveis, trabalhistas, sociais e o quanto identificamos oportunidades e necessidades vindas da amostra populacional avaliada.

Palavras-chave: economia compartilhada; inovação; pós pandemia.

1. INTRODUÇÃO

A temática foi escolhida por ser um assunto relevante em nosso cotidiano, pois é um termo recente e pouco explorado que é vivenciado na prática, a nossa problemática é: como se tornou exorbitante a dependência da economia compartilhada? Visto que, a escassez de informações pode acarretar o aumento dessa dependência. Temos como objetivo geral: promover a reflexão referente as complexidades da economia compartilhada. Já os objetivos específicos são: Analisar os conhecimentos prévios das pessoas do bairro Cidade Tiradentes sobre a economia compartilhada; apresentar as complexidades da Economia Compartilhada; demonstrar a influência da tecnologia para o avanço da economia compartilhada; comparar as necessidades e oportunidades pós pandemia da economia compartilhada; diagnosticar os impactos da economia compartilhada referente a qualidade de vida; implementar o processo reflexivo sobre a economia compartilhada. Sua inovação se dá devido os modelos de negócios bem-sucedidos e sustentáveis, o

2

Anna Beatryz Alves de Oliveira Sofientini¹ - anna.sofientini@etec.sp.gov.br

Emily Cristina Ferreira Santiago² - emily.santiago@etec.sp.gov.br

Gabrielly Lima de Andrade³ - gabrielly.andrade11@etec.sp.gov.br

Hellen Tavares Alcântara⁴ - hellen.alcantara@etec.sp.gov.br

Isaque Sergio Melo Alves⁵ - isaque.alves4@etec.sp.gov.br

Ygor Samuel Napoleão de Sousa⁶ - ygor.sousa01@etec.sp.gov.br

aumento da empregabilidade como: motoristas e motoboys que se cadastraram em aplicativos que oferecem serviços do modelo, usuários de plataformas de hospedagem que podem anunciar, reservar acomodações e alugar espaços. O avanço da economia compartilhada possibilita microempreendedores, startups e fintechs a se desenvolverem. Por possuir cerca de 15 mil artigos datados de 2019 em diante e devido seu baixo custo, torna-se visível a viabilidade e praticidade do tema. Por isso, temos como principais hipóteses para a problemática apresentada: A dependência da economia compartilhada aumentou devido à conveniência oferecida por serviços de compartilhamento, tornando-os escolhas preferenciais para consumidores; com o surgimento da pandemia de 2019, houve uma expansão da economia compartilhada, gerando uma cadeia de desemprego, através disso ampliou as oportunidades das startups e microempreendedores; surgimento de empregos flexíveis nas plataformas da economia compartilhada incentivou mais pessoas a participarem dessas atividades, havendo um aumento na conexão social e da interação umas com as outras; a economia compartilhada propõe uma conscientização ambiental, pela busca de soluções mais práticas no cotidiano, ela veio se tornando um dos modelos de negócios mais bem sucedidos atualmente.

2. DEFINIÇÃO DE ECONOMIA

A economia pode ser definida como, o estudo para gestão de recursos limitados para satisfação de desejos ilimitados. Visando encontrar um ponto de equilíbrio entre eles.

Sendo assim, a economia é uma ciência social que busca compreender o comportamento humano relacionado ao capital, bens, consumo e necessidades.

A palavra “economia” deriva da junção dos termos gregos “*oikos*” (casa) e “*nomos*” (costume, lei) resultando em “regras ou administração da casa, do lar”. Vem também do latim *oeconomia*: disposição, ordem, arranjo.

2.1. Evolução do pensamento econômico

O pensamento econômico remonta-se desde a Grécia antiga, em especial com Aristóteles, com questionamento do valor do uso e da troca, das noções de riquezas, produção, distribuição e ética econômica.

Após um recorte temporal, vemos o período da Idade Média ou Pensamento Escolástico ocorrendo durante os séculos IX até XIII, ligada muito profundamente com a força da Igreja Católica na Europa e submetido a pensamentos relacionados a moral.

Todavia na idade moderna, em específico no século XV até XVII, surgia o pensamento do mercantilismo, visando não só o controle estatal da economia, além da balança comercial favorável. Como também práticas de monopólio, protecionismo e metalismo. Ocorrendo em três fases, metalista, comercial e industrial.

Até esse ponto da história a economia não era vista como ciência, entretanto no século XVIII, surgiu os princípios econômicos com bases de pensamentos científicos, sendo o primeiro deles a Fisiocracia. Doutrinada da ordem natural, fruto de pensamentos iluministas, idealizada pelo francês François Quesnay (1694-1774). Através de sua obra “Tableau Économique” escrita em 1758, pregando que era inútil a tentativa de alterar a ordem natural da sociedade através de leis e regulamentos governamentais. Em 1774, Anne Robert Jacques Turgot ministro das finanças da França, tentou dar início a teoria fisiocrata na economia francesa, entretanto, por conta dos protestos de proprietários de terras, a tentativa foi falha. Apesar desse contratempo, a fisiocracia foi de suma importância para a economia como um todo, inclusive sendo base teórica para a formulação da escola clássica e pensamentos de Adam Smith.

Modulando toda a base do pensamento econômico atual, surgia no final do século XVIII a escola clássica, completamente influenciada pelo marco da revolução industrial, com seu marco fundamental sendo a obra de Adam Smith, “A Riqueza das Nações”, publicada em 1776. Evidenciando o que segundo ele se tratava da verdadeira prosperidade de um país, o trabalho humano. Além de introduzir o grande conceito da “mão invisível”, que diz sobre o fato das ações egoístas dos indivíduos, buscando satisfazerem suas necessidades e desejos, acabarem acarretando o bem público e desenvolvimento econômico. As principais pautas abordadas pela escola clássica é o livre mercado, racionalidade econômica, divisão social do trabalho e o mínimo de intervenção do Estado.

Em contrapartida, o pensamento marxista elaborado no século XIX, tendo como principais responsáveis Karl Marx e Friedrich Engels, defendia pautas diferentes das pregadas na escola clássica, principalmente pelo motivo do modelo prevalecer a segregação de classes e a exploração do trabalho, como destrinchado na obra “O Capital” de 1867. Essa temática ganhou força no final do século, resultando em diversas revoluções e criação dos sindicatos.

Diante os contrastes de pensamentos, houve início da teoria neoclássica, onde se modificaram os métodos de estudos econômicos, em busca da racionalização e otimização dos recursos escassos. Entre o fim do século XIX ao início do século XX, houve quatro grandes escolas que compuseram essa teoria, sendo a de Viena, de Lausanne, de Cambridge e a Neoclássica Sueca. Cada qual enfatizando respectivamente a teoria subjetiva do valor, interdependência de todos os preços, economia como ciência do comportamento humano e a integração da análise monetária à análise real. Dentre diversos estudiosos da época, um dos que levam destaque é Alfred Marshal, com seu livro “Princípios de Economia” datado no ano de 1890, o economista demonstrava seu inconformismo com a situação das classes menos abastadas, elucidando as maneiras como a ciência econômica poderia atenuar esse mal.

3. MICROECONOMIA E MACROECONOMIA

Na ciência econômica, existem áreas que estudam a sociedade, no caso da microeconomia e da macroeconomia, as singularidades de cada uma interferem economicamente em proporções distintas, onde têm análises específicas e agregadas, sendo assim, ocorrendo uma subdivisão.

No ramo econômico da microeconomia se preocupa com o comportamento dos indivíduos, como mercados, empresas e famílias, como descreve o economista Paul Anthony Samuelson em sua obra “Economics” de 1948. Nela acontece uma análise dos modos consumistas de maneira especificada e interna, onde ocorre de forma minuciosa em relação as atividades econômicas da sociedade, podendo assim, ter como alvo questões não majoritárias de uma população, pois impacta de maneira reduzida e assume parcialmente atos relevantes para a economia, com a finalidade

de maximização econômica individual. Identifica-se na obra “Teoria da microeconomia” do economista Mario Henrique de Simonsen essa elevação ao máximo, abordando fundamentos individuais como o equilíbrio geral em uma economia de trocas bilaterias, que visa a utilidade de recursos escassos de maneira íntegra.

Entretanto, no ramo econômico da macroeconomia a análise ocorre de modo geral, agregando fatores da microeconomia e demais agentes, como taxa de desemprego, PIB (Produto Interno Bruto), entre outros, assim formando aspectos mais abrangentes no qual se refere os indicadores ao longo do tempo, onde seu objetivo diz respeito no aumento de resultados,

“que se preocupa com o desempenho geral da economia. [...] examina uma ampla variedade de áreas, tais como a forma como o investimento total e o consumo são determinados, como os bancos centrais gerem o dinheiro e as taxas de juro, o que causa as crises financeiras internacionais e por que razão algumas nações crescem rapidamente enquanto outras estagnam.” (SAMUELSON, 1948, p. 05 apud KEYNES, 1936)

Em suma, as subdivisões da economia se complementam através de seus aparatos econômico, pois a sua divisão permite um desenvolvimento de estudo mais elaborado e eficiente em relação ao comportamento social no âmbito da economia, trazendo à tona questionamentos mais precisos e resultados mais robustos. Seu paradigma de organização classificada permite a intervenção necessário diante de cada cenário, sendo ele em menor escala ou em sentido amplo. Diante da segmentação entre micro e macroeconomia, a administração da economia se torna viável, pois as propostas de soluções se adequam as perspectivas, atendendo cada especificidade, onde essa delegação concede a visão holística exata.

4. TIPOS DE ECONOMIA

Foram explorados cinco tipos de economia que influenciam diretamente nosso cotidiano que são: a economia de mercado, a economia planificada, a economia mista, a economia industrial e a economia circular. Cada uma dessas abordagens econômicas tem suas próprias características distintas que impactam desde a maneira

como compramos até como as empresas operam e como lidamos com recursos naturais.

4.1. Economia de mercado

A economia de mercado é um sistema onde a maioria das empresas é privada, definindo seu funcionamento e estratégias financeiras sem grande interferência do Estado, que se limita a criar leis e fiscalizar. Baseado no liberalismo econômico, o sistema visa a maximização do lucro, guiado pela livre concorrência e pela lei da oferta e da procura. Os preços são determinados pela demanda, com produtos muito procurados tendendo a subir de preço. Incentiva o empreendedorismo e a inovação, onde empreendedores buscam lucro ao atender demandas. Ludwig von Mises, renomado economista, descreve a economia de mercado como um sistema onde os indivíduos cooperam através do mercado na divisão social do trabalho. Ele destaca que:

“pode-se dizer que a economia de mercado é o sistema em que os indivíduos cooperam entre si, através do mercado, na divisão social do trabalho. E o mercado é um processo, no qual, ao vender e comprar, ao produzir e consumir, as pessoas contribuem para o funcionamento global da sociedade” (MISES, 2009).

Este sistema valoriza a liberdade econômica e o empreendedorismo, mas requer regulação para evitar desigualdades extremas.

4.2. Economia Planificada

A economia planificada é um modelo econômico em que o Estado controla todas as atividades produtivas de um país, desde a produção até a comercialização, sem a presença significativa da iniciativa privada. Caracterizada pela predominância de empresas estatais, ausência de concorrência empresarial e definição padronizada de preços, “esse sistema tem um forte viés assistencialista, visando suprir os indivíduos por meio da ação do Estado” (CAMPOS,2024). No entanto, em contraste com a economia de mercado e o sistema capitalista, que favorecem a liberdade econômica e a mínima intervenção do Estado, a economia planificada perdeu espaço

nas últimas décadas, sendo atualmente pouco utilizada devido a críticas sobre burocracia e corrupção.

4.3. Economia Mista

A economia mista é um modelo em que tanto a esfera pública quanto a privada participam do controle das relações econômicas, combinando características da economia de mercado e da economia planificada. Também conhecida como Estado de Bem-Estar Social, esse sistema visa garantir não apenas o lucro, mas também benefícios à população através de políticas sociais. Segundo Celso Furtado no livro “Formação Econômica do Brasil”, ele diz que “A economia mista é aquela que tem características tanto de uma economia de mercado como de uma economia planificada.” (FURTADO, 2000, p. 87). A economia mista é um híbrido econômico que surgiu a partir de diferentes vertentes político-econômicas, adaptando-se à realidade contemporânea com elementos de mercado livre, intervenção estatal e planejamento econômico.

4.4. Economia Industrial

A economia industrial é o ramo da economia, no livro Organização Industrial Moderna os autores Dennis W. Carlton e Jeffrey M. Perloff disseram:

"A economia industrial se preocupa com a forma como as empresas competem entre si, como as indústrias se organizam e como a política governamental afeta a estrutura de mercado e o comportamento das empresas." (CARLTON E PERLOFF, 2004, p.1)

Este conceito aborda as instituições industriais, que utilizam tanto a força humana quanto máquinas e energia para produzir bens comercializáveis para a população. Portanto, a economia industrial avalia como as organizações operam, se relacionam com o mercado e influenciam a economia como um todo.

4.5. Economia Circular

A economia circular é um conceito estratégico que visa a redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia, em contraste com o modelo linear

de "extração, produção e eliminação". Walter R. Stahel no livro A economia de desempenho destaca que:

"Na economia circular, recursos e produtos são mantidos em uso e circulação pelo maior tempo possível, maximizando seu valor e minimizando o desperdício. O objetivo é criar um sistema regenerativo, onde resíduos se tornam recursos e os produtos são projetados para serem reutilizados ou reciclados." (STAHEL, 2010, p.2).

Este modelo promove não apenas benefícios de curto prazo, como estabilidade nos preços das matérias-primas e novas relações concietizando os clientes sobre o cuidado com o meio ambiente, mas também oportunidades estratégicas de longo prazo, como criação de novos produtos, processos e tecnologias que facilitam a reutilização e reciclagem.

5. ORIGEM DA ECONOMIA COMPARTILHADA

Durante o século XX, uma série de fatores econômicos e sociais moldaram o cenário que possibilitou o surgimento da Economia Compartilhada. Entre esses fatores, destacam-se o avanço da tecnologia, as mudanças nas relações de trabalho, o endividamento da sociedade e a crescente dependência das pessoas do consumo.

O progresso tecnológico foi um dos principais impulsionadores da produção industrial, agrícola e de serviços. Nesse período, houve um aumento notável na produção, com melhorias na eficiência, qualidade e criação de novos produtos e serviços. A revolução tecnológica do século XX, especialmente em sua segunda metade, foi responsável por grande parte do cenário tecnológico que experimentamos hoje. Desde então, quase todos os aspectos de nossas vidas foram influenciados por inovações que mudaram significativamente a sociedade e nossa forma de consumo, Walter Barreto Jr diz que:

“O avanço da tecnologia ampliou e continua ampliando a quantidade de produtos inventados, e ainda aumentou a sua produção em quantidade, porém, em muitos casos com a

redução da necessidade de mão de obra. Com a redução da necessidade de mão de obra, fruto também do avanço da tecnologia, houve grandes mudanças nas relações de trabalho, o que gerou instabilidade no emprego e, conseqüentemente, impacto na segurança da renda das pessoas e famílias”.

(BARRETO, 2020, p. 27).

É nesse contexto que a Economia Compartilhada emerge, um movimento impulsionado no início do século XXI e viabilizado pelos avanços tecnológicos do século anterior, especialmente pela internet e pelos smartphones. Vários serviços que antes demandavam grande quantidade de mão de obra agora são realizados por sistemas e máquinas, reduzindo a necessidade de pessoas. Muitos postos de trabalho desapareceram e as novas empresas frequentemente exigem menos mão de obra.

A instabilidade da economia por conta da crise de 2008 e a alta de desemprego levou a uma demanda por soluções mais flexíveis e de baixo custo, nesse cenário que a Economia Compartilhada se destaca, oferecendo a redução de investimentos, diminuição de custos de produtos/serviços e a possibilidade de consumo sem a necessidade de posse permanente. Ao compartilhar produtos e serviços que não são utilizados constantemente, as pessoas podem reduzir despesas e custos, mantendo a capacidade produtiva das empresas sem sacrificar a experiência do consumo.

O endividamento das famílias, que ocorreu na crise financeira global de 2007-2008, foi através do acesso facilitado ao crédito, especialmente no setor imobiliário americano, foi um dos gatilhos para essa crise que se espalhou por vários setores da economia em diversas nações e outras causas que ocorreram no ambiente macroeconômico

“Fatores econômicos e sociais ocorreram no século XX proporcionando o surgimento da Economia Compartilhada. Dentre os principais podemos citar: o avanço da tecnologia, as mudanças nas relações de trabalho, o endividamento da

sociedade, e a dependência das pessoas do consumo” (BARRETO, 2020, p. 18).

A Economia Compartilhada está transformando não apenas os hábitos de consumo, mas também a forma como as pessoas vivem nas áreas urbanas. Com aplicativos para compartilhamento de carros, escolha de rotas, moradia e hospedagem compartilhada, entrega de alimentos, comunicação, entre outros, o dia a dia das pessoas está sendo redefinido.

Ela está inserida no contexto capitalista, apresenta características que humanizam o sistema, promovendo práticas mais solidárias, comportamentos plurais e menos individualistas. Além disso, possibilita a distribuição de produtos para pessoas de menor renda, permitindo o acesso a bens e serviços que antes poderiam ser inacessíveis.

“Esse fato é importante e essas transformações (guerras, revoluções e assim por diante) produzem frequentemente transformações industriais, embora não constituam seu móvel principal. [...] O impulso fundamental que põe e mantém em funcionamento a máquina capitalista procede dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados e das novas formas de organização industrial criadas pela empresa capitalista.” (SCHUMPETER, 1961 p. 110)

De acordo com a teoria da destruição criativa desenvolvida por Schumpeter, a forma como a inovação influencia novos modelos de consumo, representa um novo paradigma de consumo compartilhado, o qual atualmente se tornou cada vez mais importante. Devido a ocorrência de uma crise humanitária, as empresas revolucionaram visando suprir as necessidades aparentes durante a pandemia com o auxílio do salto tecnológico e seus inúmeros usuários, com inovações envolvendo a desmaterialização do ambiente físico, gerando maior influência na geração de negócios no setor de atuação.

5.1. DIFERENÇA DA ECONOMIA COMPARTILHADA E COLABORATIVA

A economia compartilhada e a economia colaborativa são conceitos relacionados, mas têm diferenças.

A economia compartilhada refere-se ao compartilhamento de recursos ociosos, como carros, casas e ferramentas, por meio de plataformas online. Essa prática permite que as pessoas usem bens sem necessariamente possuí-los, gerando benefícios econômicos e ambientais.

Já a economia colaborativa vai além do compartilhamento de recursos e envolve a colaboração entre os participantes para criar valor coletivo. Isso pode incluir coletividade de ideias, habilidades e esforços para atingir objetivos em comum, muitas vezes impulsionada por tecnologias digitais. De acordo com Botsman e Rogers:

“Consumo Colaborativo está permitindo pessoas a perceberem o enorme benefício do acesso ao benefício dos bens e serviços ao invés da posse dos mesmos, e ao mesmo tempo economiza dinheiro, espaço e tempo; faz novos amigos; e se tornam cidadãos ativos novamente.” (BOTSMAN; ROGERS, 2011, p. 10).

Em suma, a economia compartilhada se concentra no uso compartilhado de recursos físicos, já a economia colaborativa enfatiza a cooperação e a criação conjunta de valor.

5.2. ATUAÇÃO DA ECONOMIA COMPARTILHADA NA CIDADE TIRADENTES

A economia compartilhada pode ser referida em segmentos base, tendo em vista a globalização e o avanço do uso do modelo econômico na sociedade. Dentre os diversos existentes, é válido destacar aqueles que são mais comuns o uso no bairro da Cidade Tiradentes, sendo assim é válido ressaltar a alocação de imóveis e outros recursos, que por sua vez, é a pura realização do foco da economia compartilhada, onde o inquilino usufrui do imóvel sem necessariamente possuí-lo.

Com o avanço tecnológico, ganhou força também o mundo do e-commerce e streaming, onde os usuários usufruem de produtos e serviços de maneira digital, os exemplos mais comuns, são locais onde ficam disponibilizados filmes, séries e lives, além de outros sites com promoção de produtos e afins.

Seguindo a linha de raciocínio do contexto de um bairro dormitório como o da Cidade Tiradentes, há também uma necessidade de serviços de transporte (seja público e, ou através de aplicativos) e delivery.

Fato é, que a economia compartilhada tem se feito cada vez mais presente no cotidiano dos moradores do bairro, principalmente pela conveniência e praticidade trazida por meio do modelo econômico.

5.3. CONVENIÊNCIA NA ECONOMIA COMPARTILHADA: TECNOLOGIA, PRATICIDADE E SUSTENTABILIDADE

O dia a dia da maioria das pessoas é corrido, por isso a preferência por serviços que tenham mais praticidade é evidente, já que vivemos em um mundo onde há muitos tipos de informações, e a velocidade se torna uma necessidade para acompanhar o ritmo da sociedade. Com tamanha tecnologia que envolve nossa realidade atual, e o surgimento de muitos aplicativos que te possibilitam solicitar um carro ou uma bicicleta, pedir sua refeição para ser entregue ou até alugar um lugar para hospedagem por exemplo, sem necessariamente precisar comprar o bem ou ir ao local fisicamente. Tudo isso facilitado com apenas alguns cliques por meio de um dispositivo, se tornando uma opção muito mais atrativa tanto na visão dos clientes quanto para aqueles que desejam fornecer seus serviços por meio das plataformas para gerar renda, ainda mais pela flexibilidade que engloba o modelo, proporcionando alternativas mais acessíveis e redução de custos para os usuários. Ou seja, a hipótese de que a dependência da economia compartilhada aumentou devido a conveniência oferecida por aplicativos do nicho é válida e merece ser destacada, pois conforme mencionado por Bardhi (2012):

"essa mudança no pensamento dos indivíduos é motivada pela ascensão do acesso à tecnologia, pela conveniência em consumir de forma colaborativa, pelos preços mais atrativos e

pelo benefício ao meio ambiente, ao promover a sustentabilidade na redução dos desperdícios de recursos".

Porque é com muito mais facilidade e rapidez que os usuários podem requisitar aquilo que precisam, assim como a não necessidade do dinheiro físico, pois através de uma transação o pagamento pode ser simplificado e é visível a diversidade diante das escolhas que podem ser realizadas por cada pessoa.

5.4. DISRUPÇÃO DA PERSPECTIVA DE TRABALHO

Pode-se observar uma mudança na forma como o trabalho é visto no modelo que sugere as empresas atuantes da economia compartilhada, sendo tanto no peer to peer (pessoa para pessoa) e, ou peer to business (pessoa para negócio).

Onde algumas corporações lucram através da extração de percentual sobre o trabalho do prestador de serviços, mesmo agindo "apenas" como um intermédio entre oferta e demanda.

Vende-se a imagem de autonomia, o que é de certa forma realidade, tendo em vista que o colaborador não está preso a horários ou a um chefe direto, entretanto, a autonomia não é necessariamente uma independência, até porque não existe uma total liberdade sobre precificação do serviço, além de existir alguns padrões comportamentais no qual pode resultar em punições se não seguidos ao stakeholder.

Além disso, algumas organizações não possuem nenhum vínculo empregatício, escandalizando um caso de subordinação, porém podendo ser visto com bons olhos por algumas pessoas.

5.4.1 Trabalho por oportunidade

De acordo com o Portal André Bona, em sua matéria datada de 2019, define-se empreendedor por oportunidade aquele que estuda o mercado que está inserido, consegue notar a necessidade da sociedade para suprir ela com seu negócio, possui mais chance de crescimento pois é criado com mais cautela e conhecimento do que se fosse iniciar às pressas devido sua necessidade.

Numa pesquisa anterior à pandemia, realizada em 2018 pela Revista Istoé, aponta que dos empreendedores brasileiros, 59,4% iniciaram seu próprio negócio por oportunidade, evidenciando que o mercado estava sendo explorado e estudado de forma a agregar valor ao seu comércio antes da Covid-19.

Devido a crise econômica de 2020, muitos empreendedores viram uma oportunidade de renda extra, pois houve uma percepção de que o consumo da sociedade se concentrava nos aplicativos de compartilhamento. No entanto, mesmo com o fim da pandemia, o uso por essas plataformas não diminuiu, na realidade aumentou gradativamente.

A agência de comunicação denominada MARCO, realizou um estudo em 2022 sobre o comportamento do consumidor pós-covid que afirma que 91% dos brasileiros realizam mais compras online do que presenciais, desde que a pandemia começou. Os empreendedores por necessidade, após analisarem a pesquisa, perceberiam então uma chance de crescer seu negócio baseado no consumo contemporâneo.

5.4.2 Trabalho por necessidade

Com o avanço da economia compartilhada através de aplicativos, o trabalho por necessidade se tornou uma realidade para milhões de brasileiros. Segundo pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no quarto trimestre de 2022, o Brasil contava com quase 1,5 milhão de trabalhadores por meio desses aplicativos, incluindo motoristas, entregadores de comida e outros profissionais. Esta forma de trabalho, impulsionada ainda mais pela pandemia, tornou-se atraente para os novos desempregados e viável para aqueles que buscavam uma renda extra.

Como destaca o artigo Trabalho por Aplicativo em 2021:

“A pandemia promoveu um crescimento dos trabalhos por aplicativo. Isto se deveu à atratividade desse tipo de trabalho para os novos desempregados e pelo aumento de demanda destes serviços pela população durante os períodos de isolamento social. No caso específico das empresas que realizam entregas por aplicativo, a comodidade, os preços baixos e o fato de sair de casa ter se tornado algo perigoso, fez

15

Anna Beatryz Alves de Oliveira Sofientini¹ - anna.sofientini@etec.sp.gov.br

Emily Cristina Ferreira Santiago² - emily.santiago@etec.sp.gov.br

Gabrielly Lima de Andrade³ - gabrielly.andrade11@etec.sp.gov.br

Hellen Tavares Alcântara⁴ - hellen.alcantara@etec.sp.gov.br

Isaque Sergio Melo Alves⁵ - isaque.alves4@etec.sp.gov.br

Ygor Samuel Napoleão de Sousa⁶ - ygor.sousa01@etec.sp.gov.br

com que uma parcela da população aumentasse sua demanda pelo serviço.”. (AMORIM, H. J. D., & Moda, F. B., 2021, p. 115)

O aumento da demanda por serviços de entrega por aplicativo durante os períodos de isolamento social se deu pela comodidade oferecida e que se manteve pós o período pandêmico, preços mais acessíveis e pela preocupação com a segurança ao sair de casa. Contudo, por trás dessa praticidade aparente, há uma realidade complexa de desigualdades e superexploração do trabalho. Nesse contexto, o trabalho por aplicativo no Brasil não apenas reflete as características globais dessas plataformas, mas também se apropria das desigualdades sociais específicas do país, a informalidade e o desemprego, que atingem quase metade da classe trabalhadora, servem como terreno fértil para a implantação e reprodução dos interesses produtivos e comerciais dessas empresas.

É importante notar que, diante da parcialização e do individualismo nas relações de emprego, os trabalhadores por aplicativo têm buscado novas formas de organização, onde a resistência política dos entregadores por aplicativo, como evidenciado em manifestações recentes, tem como pauta central a defesa de condições básicas de trabalho e de vida. Eles buscam maiores remunerações, planos de seguridade social e a garantia de manutenção do próprio trabalho sem serem desligados arbitrariamente pelas empresas. Esta resistência, ancorada na luta por direitos mínimos, reflete não apenas a busca por melhores condições laborais, mas também uma contestação à lógica à superexploração.

O crescimento das plataformas no Brasil, especialmente durante a pandemia e pós-pandemia, revela não apenas a conveniência para os consumidores, mas também a urgência de regulamentações e proteções para os trabalhadores envolvidos.

5.5. A SUSTENTABILIDADE NA ECONOMIA COMPARTILHADA

Como principal rótulo para a sociedade contemporânea, há a “sociedade de consumo”, a qual faz com que o consumidor acabe comprando determinado bem devido sua emoção e desejo criados pelo estímulo da propaganda, não buscando

satisfazer somente suas necessidades, o que acarreta o consumo desenfreado. (CAMPBELL, 2000, p. 59 apud BARBOSA, 2004, p. 50)

O surgimento da economia compartilhada no início do século XX fez com que as pessoas buscassem uma maneira de diminuir o consumo desenfreado. De acordo com um vídeo publicado em 2015 produzido pela BOX 1824, os impactos negativos ao ecossistema e sobre a vida de quem possuía hábitos consumistas se tornaram notórios ao cotidiano (BOX 1824, 2015). Surgia então, o consumo consciente, o qual de acordo com Costa e Teodósio (2011), “é a capacidade de cada pessoa, instituição pública ou privada de escolher serviços e produtos que contribuam de forma ética, de fato, para a melhoria da vida individual, da sociedade e da preservação ambiental”.

O consumo consciente é uma das principais características da economia compartilhada. Tendo como exemplo, a busca por sanar desejos e emoções temporárias com a obtenção de um produto que ficaria sem uso após a cessão, se torna uma necessidade que irá ser sanada através do consumo do produto somente por um determinado período. Essa escolha consciente, por mais que seja individualista de início, acaba trazendo reflexos sociais e ambientais. (COSTA e TEODÓSIO, 2011, p. 119)

A economia compartilhada promove o desenvolvimento sustentável, pois, de acordo com Schor (2014), com uma menor demanda de bens, há a menor produção, fazendo com que sejam utilizados menos recursos (SCHOR, 2014) e conseqüentemente, possui um impacto positivo para o meio ambiente, promovendo o décimo segundo objetivo de desenvolvimento sustentável da ONU: consumo e produção responsáveis.

MÉTODOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

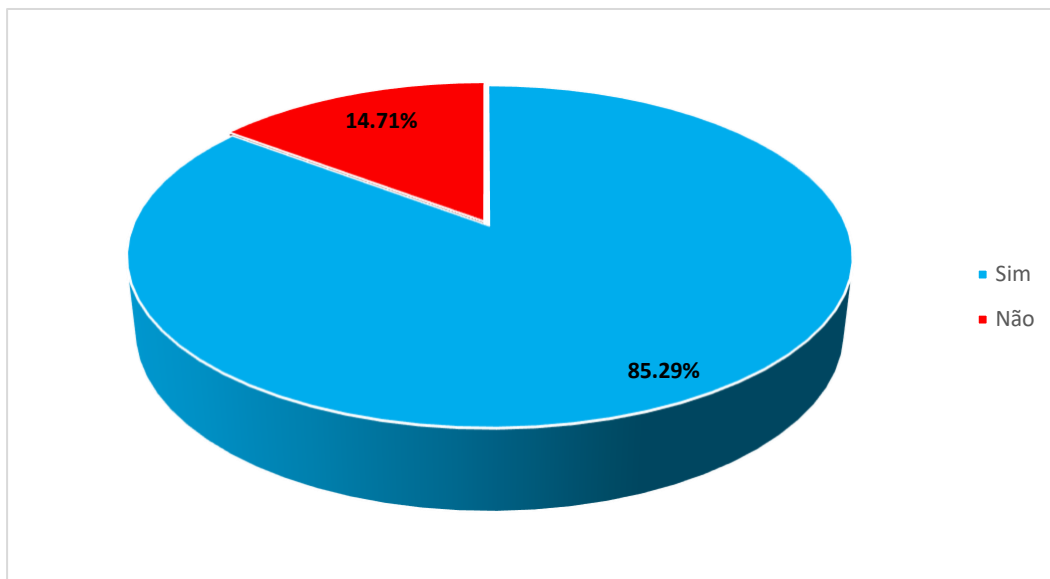
Para obtenção dos resultados da pesquisa, obtivemos os seguintes meios: pesquisa bibliográfica, telematizada e de campo. A pesquisa bibliográfica foi fundamental a utilização de livros, revistas e artigos científicos para embasar teoricamente nosso estudo, através do Google Acadêmico como principal ferramenta de busca, onde encontramos aproximadamente 15 mil artigos datados de 2019, selecionando aqueles que demonstravam maior credibilidade e relevância. Na

pesquisa telematizada, houve a utilização da internet, a qual acessamos uma vasta gama de informações através de motores de busca como o Google, Youtube e redes sociais, assistindo conteúdos relacionados ao tema e o que está acontecendo no ambiente macroeconômico sobre o fenômeno. Paralelamente, conduzimos uma pesquisa de campo por meio da ferramenta Google Forms, onde anexamos 10 questões, nas quais obtivemos 204 respostas de residentes do bairro Cidade Tiradentes, com idades variando entre 16 a 40 anos.

A partir dos meios, adquirimos materiais suficientes para alcançarmos nossos fins: exploratória, explicativa e descritiva. A exploratória utilizamos com a finalidade de se familiarizar com determinados aspectos do assunto e absorver implementando-o numa situação atual, o qual exploramos os objetivos específicos e geral. Através da explicativa houveram conexões de ideias que trouxeram à tona as causas e consequências da economia compartilhada, assim a evidenciando de maneira detalhada e descrita. Com a realização da pesquisa de campo, o fim descritivo se tornou eficiente devido os dados perceptíveis e mensuráveis, que forneceram uma visão detalhada de características específicas, como a utilização de modelos de negócios da economia compartilhada, conhecimento prévio sobre determinado tema e os impactos que o mercado de compartilhamento trouxe no cotidiano dos entrevistados.

A fim de elucidar a compreensão das dimensões tomadas pela economia compartilhada com o público da Cidade Tiradentes, foi realizado um questionário com pessoas entre 16 e 40 anos, residentes do bairro. Ao todo com 10 questionamentos, dentre os quais foram selecionados 5 para ser feita uma análise com base na problemática inicialmente colocada. A pesquisa contou com 204 respondentes.

1. Usabilidade dos aplicativos de compartilhamento

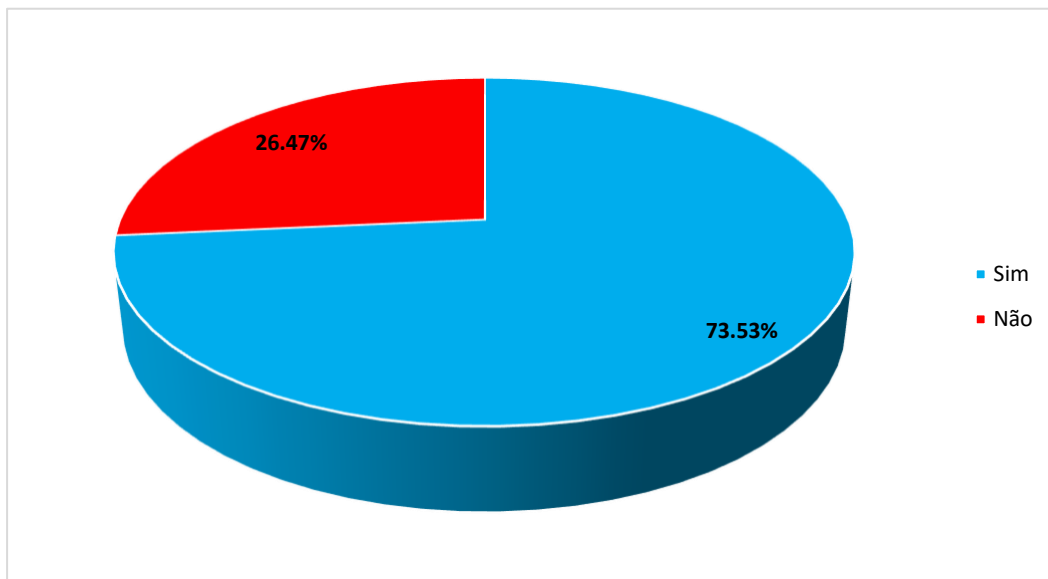


Os aplicativos de compartilhamento tiveram uma crescente demanda devido a pandemia do Covid-19, o qual as pessoas não podiam sair de suas casas para consumir determinado bem ou serviço. A economia compartilhada se desenvolve através do senso de necessidades reais, tendo como principal característica a praticidade, a qual os consumidores buscavam em meio ao contágio.

No entanto, mesmo após a propagação da Covid-19, os aplicativos de compartilhamento permaneceram em crescente, pois trouxeram consigo uma nova forma de consumo e demasiada conveniência. É notório através da análise dos resultados apresentados no gráfico 1, que de fato houve um crescimento no uso de determinadas ferramentas. 85,3% dos entrevistados afirmaram que após a pandemia, o uso dos aplicativos de compartilhamento pelos entrevistados aumentou.

Com os seguintes dados obtidos, é possível concluir que mesmo após o fim do contágio em massa, houve sim um aumento no uso de aplicativos de compartilhamento, afirmando a hipótese levantada de que a dependência da economia compartilhada aumentou devido à conveniência oferecida por aplicativos que ofertam serviços para compartilhar bens e serviços, demonstrando sua validade ao longo da pesquisa realizada.

2. Aproximação da população



A economia compartilhada desempenhou um papel significativo na pandemia especialmente ao aproximar as pessoas ou em outro quesito afastá-las.

Com o distanciamento social este tipo de economia ajudou as pessoas a se manterem conectadas de várias maneiras mesmo em um momento de isolamento físico, as pessoas precisavam de um jeito novo de acessar recursos já que muitas empresas físicas estavam fechadas e acharam isso por meio das plataformas online, permitindo que as pessoas acessassem tais recursos sem sair de casa. Também tem os compartilhamentos de alimentos que fez com que as pessoas continuassem a ter acesso aos alimentos de maneira segura. Durante a pandemia teve muitas comunidades que ajudavam pessoas com necessidades, isso fez com que as pessoas tivessem solidariedade e apoio ao próximo. Com o aumento do trabalho remoto as plataformas fizeram com que as pessoas oferecessem suas habilidades e serviços online isso permitiu que muitos continuassem a trabalhar e ganhar dinheiro. Como os eventos também não era permitido surgiram plataformas para organizações de espaços online, isso permitiu que as pessoas tivessem conexões sociais a distância.

A economia compartilhada foi um fator muito importante para ajudar as pessoas a manterem suas atividades, conexões até mesmo trabalho durante a

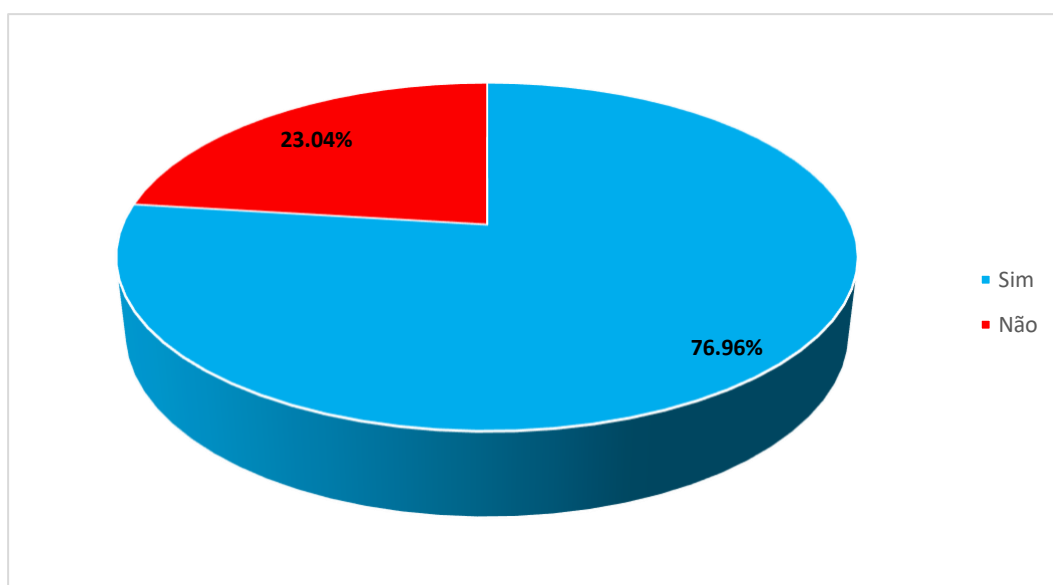
pandemia promovendo uma sensação de comunidade e acolhimento diante de tempos desafiadores

Porém também teve efeitos que contribuíram para distanciar as pessoas, por exemplo as interações presenciais que a economia compartilhada reduz essa interação principalmente na pandemia que a maioria dos recursos tinha que ser de forma online reduzindo o contato humano direto.

Com o aumento do e-commerce as pessoas passaram a depender mais das plataformas online afastando-se dos comércios locais.

Embora a economia compartilhada tenha fornecido algumas soluções durante a pandemia, ela também contribuiu para distanciar as pessoas, tanto fisicamente quanto emocionalmente, evidenciando desafios e vulnerabilidades inerentes a esses modelos de negócio.

3. Impacto Ambiental do Modelo Econômico



Conforme o próprio modelo sugere, é evidente que a ação da economia compartilhada auxilia a preservação do meio ambiente. Tendo em vista que uma das consequências relacionadas ao processo de compartilhamento é a redução de consumo e desperdício, o que porventura gera um declínio na produção de um determinado bem. A exemplo dos aplicativos de transporte urbano, já que, pela existência desse serviço, aqueles no qual não possuem a habilitação ou carro,

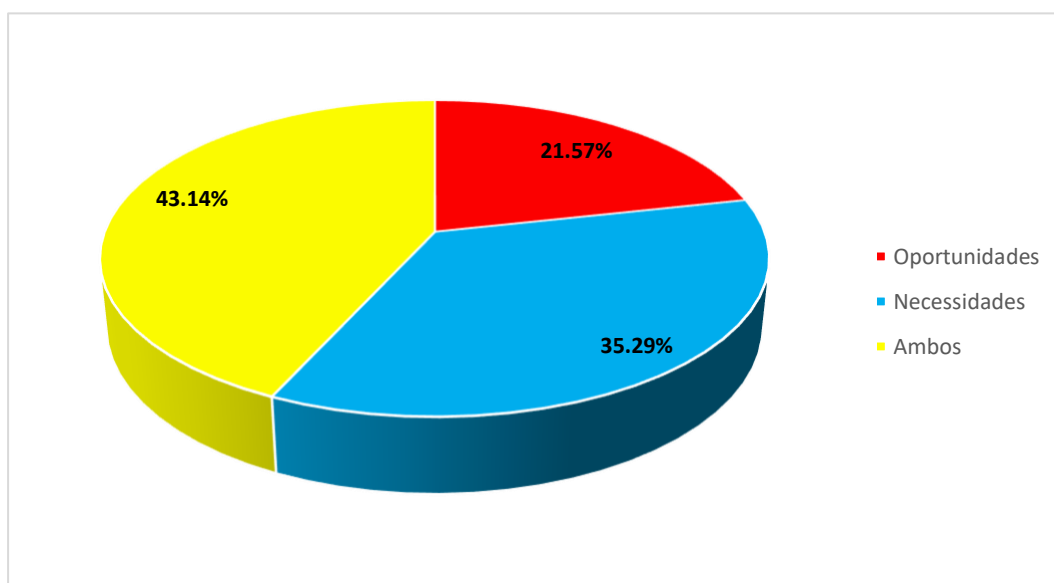
conseguem ainda usufruir do benefício de um veículo através do motorista e de seu próprio (ou alugado) automóvel.

Sendo assim, não existe nesse mundo ideal a necessidade da produção de um outro carro, tendo em vista que só um veículo satisfaz as necessidades de duas pessoas. Além de também ocasionar uma maior eficiência no uso de recursos, que por sua vez, diminui o desperdício de recursos que não seriam totalmente necessários.

Pode-se observar que a forma como a economia compartilhada se promove agrega na constante circulação de bens e, ou serviços, no qual seu princípio de utilidade é prolongado, ou seja, não existe a necessidade de novos materiais sendo utilizados.

Portanto, é claro e evidente que tal modelo econômico possui um grande e benigno impacto ambiental, sendo evidenciado através da questão estabelecida.

4. As oportunidades geradas e as necessidades mais bem supridas



Em meio a crises, tanto pessoais, como de um país, pessoas e empresas precisam se reinventar e procurar diferentes alternativas.

Atualmente a tecnologia tem sido uma grande aliada para pessoas que desejam utilizar o modelo de economia compartilhada para uma renda extra, seja por meio do compartilhamento de seus próprios bens como carro e casa ou prestação de

serviços diante de suas habilidades, ou pela procura de um estilo de vida mais sustentável, já que o compartilhamento reduz desperdício.

Para as empresas é uma grande vantagem para alcançar novos mercados e clientes, e até reduzir custos operacionais, sendo uma oportunidade para startups no cenário atual, para inovar no mercado por meio de plataformas e para pessoas que buscam se conectar com outras pessoas que precisam daquilo que elas podem oferecer.

Porém, diante da seguinte pergunta da pesquisa de campo, vemos diante do resultado que as pessoas procuram a economia de compartilhamento pelos dois motivos conjuntos, tanto para suas necessidades serem atingidas quanto para encontrar diferentes oportunidades. Mas a quantidade de pessoas que procuram a economia compartilhada por realmente precisarem dela é bem maior do que as que vão por oportunidade. Pois muitas vezes vem como uma solução para problemas do cotidiano como a dificuldade de encontrar um estacionamento por exemplo, atendendo a suas necessidades imediatas.

Por outro lado, as oportunidades desse mercado podem ser não tão evidentes para a maioria das pessoas. Muitos estão focados em utilizar dos recursos para o que elas precisam no momento, mas quanto mais a economia compartilhada se expande e está diante do dia a dia das pessoas, os indivíduos reconhecem possíveis oportunidades que ela oferece, criando fontes de renda e empreender de maneira inovadora.

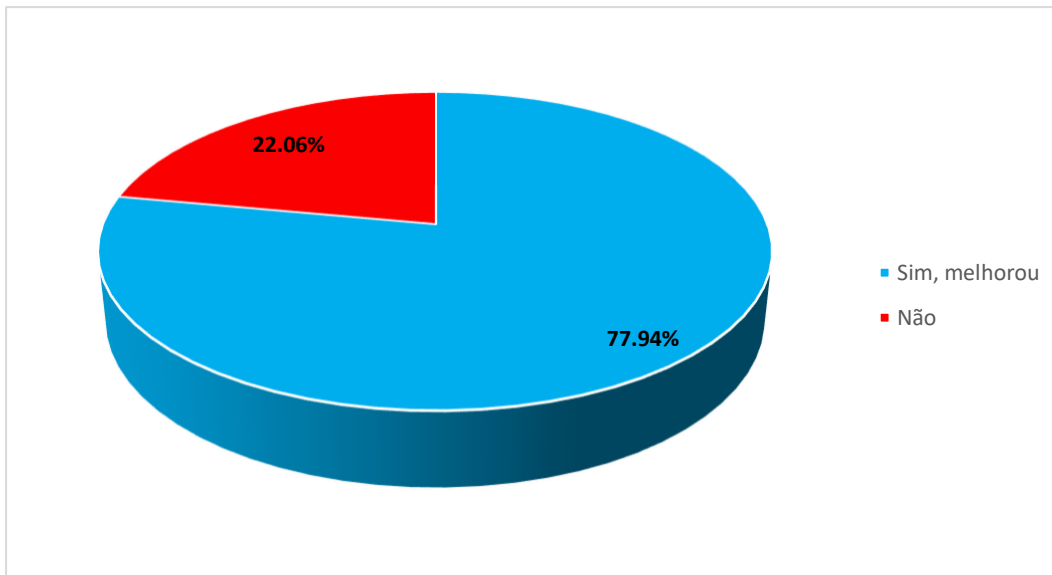
Devido diversos fatores socioeconômicos, como por exemplo o desemprego e a inflação em alta, a necessidade de buscar alternativas para alcançar a estabilidade financeira aumentou, onde depois da pandemia de COVID-19, o cenário se agravou em decorrência da falta de recursos para oferta onde a produção era enxuta nas empresas, principalmente aquelas que investiram em automação devido o confinamento das pessoas, no qual os funcionários tiveram que ser remanejadas para setores com remunerações menores ou mesmo despedidos, para que as empresas contratantes não entrassem em crise.

Tal acontecimento ilustrado colaborou na busca incessante das pessoas em manterem seus lares e famílias. A proposta do modelo de economia de compartilhamento implica diretamente na vida das pessoas que buscam por uma solução imediata decorrente da necessidade de suprir necessidades básicas, como moradia, locomoção e alimentação, uma vez que, esse paradigma pode auxiliar na geração e complementação de renda por meio de compartilhamento de um mesmo bem ou serviço, o tornando mais acessível ao invés da aquisição custosa e suas responsabilidades atreladas. Com a crescente das comunidades de economia compartilhada, as pessoas com variáveis necessidades tiveram a oportunidade de acharem diversas opções nas plataformas online para se inserir na modalidade sendo para ofertar um bem ou servir ou consumir com preço menores, que conseqüentemente resultam em um retorno financeiro e economia. Muitas pessoas necessitam, mesmo que inconscientemente, da economia compartilhada, pois a maneira como esse modelo trouxe comodidade e providenciou o mínimo para os indivíduos, tem sido fundamental na sociedade, uma vez que, sem as vantagens do mesmo, as pessoas que já o utilizaram viriam a sentir uma falta condizente com cada situação, por exemplo, um inquilino sem a opção de alugar uma residência pela inexistência da modalidade de compartilhamento se encontraria morando de favor na casa de uma outra pessoa, sem liberdade de moradia ou sem o direito de moradia fixa, caso não existisse outra opção além da aquisição de um imóvel, ou seja, a necessidade está presente na modalidade e gera dependência em razão da acessibilidade e flexibilidade para aqueles que carecem das probabilidades de suprir o desafios cotidianos, como transporte compartilhado, moradia temporária, empregos flexíveis, etc.

Portanto, diante das respostas colhidas, notasse que parte majoritária utiliza a economia tanto para assegurar as oportunidades e também suprir as suas necessidades, porém o gráfico indica que na individualidade entre as duas variáveis, as pessoas tendem a suprirem mais as suas necessidades. Tal dado mostra como é inevitável deixar de atender as necessidades que se dão como prioritárias, se tratando de fisiologia, segurança, social, estima e realizações pessoais e que a economia

compartilhada se adequa a cada cenário para atendê-la devido a sua ampla funcionalidade e expansão atualmente.

5. Elevação nas condições de vivência



Conforme resultados obtidos pelas análises realizadas, ficou claro que a economia compartilhada trouxe diversos benefícios para as condições de vida dos moradores da Cidade Tiradentes, desde a praticidade até o impacto ambiental benigno. O gráfico apresenta a concordância em relação do aumento da qualidade de vida para aqueles que adotaram o modelo econômico de compartilhamento, pois, em um bairro populoso como a Cidade Tiradentes, a presença da Economia Compartilhada impacta na economia local, gerando maiores oportunidades, que por sua vez aumenta devido o compartilhamento dos mesmos bens e serviços dentro da localidade, muitas vezes por intermédio de comunidades e plataformas digitais que visam essa partilha.

Portanto, é possível observar o aumento gradual da qualidade de vida através dos benefícios propiciados pelo modelo econômico. Fazendo assim, com que a população tenha uma carência maior caso porventura esses benefícios sejam extintos.

A exorbitância da economia compartilhada pós pandemia se deu pela maneira de como as firmas trocaram os modelos econômicos (anteriores tratados como

tradicionais), resultando na inovação. Tal mudança foi aplicada em tempo oportuno por startups no setor de compartilhamento de bens e serviços.

Como sugestão para otimizar as práticas da economia compartilhada e equilibrar as forças de mercado dos players atuantes e o surgimento de novos, é basear-se na teoria de destruição criativa, ao qual nos indica que o surgimento de novas ideias estabelece um movimento econômico diferente, o que conseqüentemente se torna um ciclo de disrupção das mesmas ideias. Com isso, seria possível a consolidação de diferentes propostas da mesma linha de raciocínio sugerida, para assim não monopolizarmos a influência de mercado diante das potências já consolidadas. Adiante, é de suma importância propagar a questão da conscientização tanto para a sociedade como um todo, como especificamente a população do bairro Cidade Tiradentes. Por ser o extremo leste é fundamental para o desenvolvimento tanto da economia local quanto para levar tais conhecimentos para que a população possa realizar melhores escolhas, desenvolvendo, fortalecendo e ampliando a Economia compartilhada de uma maneira assídua e equilibrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo enfrentado nesta pesquisa foi investigar o fenômeno economia compartilhada e suas complexidades, a reflexão que deve se feita sobre este tema é essencial para entender seus impactos abrangentes dentro do cotidiano e promover um desenvolvimento mais equilibrado desse modelo de negócio, onde entendemos que através de plataformas digitais a economia compartilhada se expandiu impactando diversas áreas da sociedade. Este modelo econômico impulsionado pela crise financeira de 2008 e aumentado pela pandemia de COVID-19, se destaca por sua capacidade de fornecer soluções flexíveis e de baixo custo, adaptando-se rapidamente às necessidades dos consumidores em tempos de instabilidade econômica.

O debate sobre o tema foi motivado através do problema de como se tornou exorbitante a dependência da economia compartilhada. Diante disso, foi evidenciado o escopo da problemática por meio de interpretações, explicações e especificações

na coleta dos dados da amostra populacional selecionada de forma coesa ao questionamento citado, na qual indica a adoção elevada e excessiva da economia compartilhada devido diversos fatores como, sustentabilidade, inserção no mercado, suplência de necessidades e comportamento social.

Futuros estudos devem explorar de como a alienação social que as empresas atuantes da economia compartilhada estabelecem para aumentar o consumo desse modelo, como as indústrias se mantêm diante do novo modelo econômico e a inclusão econômica que esse tipo de negócio conduz para pessoas de baixa renda, além dos impactos causados pela modalidade no mercado de trabalho tradicional e as variáveis maneiras de minimizar ou sanar as lacunas dentro da economia de compartilhamento.

ABSTRACT

The following research portrays the topic of Sharing Economy, which is defined as an economic system based on the sharing of goods and services between individuals, both in person and by virtual means through digital platforms, segmenting technological evolution. We begin the work with definitions around the theme, going back to historical events, covering the complexities of economic branches: market, centrally planned, mixed, industrial and circular economies. There was a milestone in the sharing economy from 2008 to its current scenario, with the period during the pandemic as a trigger. We not only describe the distinction between the sharing model and the collaborative model, but also highlight the way in which the economic model is used by residents of Cidade Tiradentes, mainly through allocation, ecommerce and streaming. We also analyzed, through primary theoretical references, the various conveniences offered by the model and observed a disruption in the work perspective. Furthermore, the sustainable practices of the sharing economy were demonstrated, such as conscious consumption and responsible production, as well as the caused impacts. To prepare the project, we used different types of means: bibliographic, telematic and field research, to achieve the following purposes: exploratory,

explanatory and descriptive. At the end, a survey was made within the Cidade Tiradentes neighborhood, affirming the exorbitant dependence of users on the sharing economy, serving as a secondary theoretical reference, in addition to proving the hypotheses of this work, involving subjects such as sustainability, labor, social and the extent to which we identify opportunities and needs arising from the population sample evaluated.

Keywords: sharing economy; innovation; post-pandemic.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Henrique José Domiciano; MODA, Felipe Bruner. Trabalho por aplicativo. RTPS-Revista Trabalho, Política e Sociedade, v. 6, n. 10, p. 105-124, 2021. Acesso em: 03 abr. 2024.

AQUINO DE SOUZA, Gabriel. Os impactos da economia compartilhada e as perspectivas para a força de trabalho. Economia compartilhada, [s. l.], 2019.

Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/11736/1/GASouza.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BARBOSA, Livia. Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. ISBN 8571108137.

Barreto, Walter. Economia Compartilhada: um estudo para o Brasil. 1ª edição. São Paulo: Casa Editorial, 2020. Acesso em: 22 mar. 2024.

DE OLIVEIRA, Khadja V. Brito, CHAVES, Luciano Athayde. O trabalho na economia mediada por aplicativos: a (in) aplicabilidade do direito do trabalho na economia compartilhada. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2023/1/2023_01_0793_0835.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.

IBGE, Em 2022, 1,5 milhão de pessoas trabalharam por meio de aplicativos de serviços no país. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012-agencia-de->

noticias/noticias/38160-em-2022-1-5-milhao-de-pessoastrabalharam-por-meio-de-aplicativos-de-servicos-no-pais. Acesso em: 03 abr. 2024

KROM, Valdevino Krom Prof Dr Valdevino. Fundamentos de micro e macroeconomia macroeconomia. Disponível em:

https://www.academia.edu/download/56225589/Apostila_Micro_Macroeconomia.pdf.

Acesso em: 21 FEV. 2024.

MANN, F. C. F. (2012). ECONOMIA COMPARTILHADA E CONSUMO COLABORATIVO NO BRASIL: ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES E CARACTERÍSTICAS DOS SEUS PARTICIPANTES. Repósito Uff

Institucional, Pg.33. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7608>. Bardhi, F., & Eckhardt, G. M. (2012). Access-based consumption: The case of car sharing. *Journal of consumer research*, 39(4), 881-898.

MONTENEGRO, Izabella Torres. Economia compartilhada nos espaços de trabalho: coworking e seus impactos positivos nas pessoas e organizações. 2021. 46 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PEREIRA, Bárbara Gomes. "A economia compartilhada como forma de alcance ao desenvolvimento sustentável". Repositório Institucional Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/62969> Acesso em: 01 mai. 2024.

REIS, Tiago. Economia planificada: como funciona esse modelo econômico? Suno, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/economia-planificada/> Acesso em: 19 fev. 2024.

SAMPAIO, L. C.; FISCHER, W.; MIURA, M. N. Comportamento do consumidor na economia compartilhada: por que as pessoas participam? In: Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração, 29., 2018, São Paulo. Anais [...] São Paulo: ANGRAD, 2018.

SCHOR, Juliet. *Debating the Sharing Economy*. Great Transition Initiative, 2014.

SOUZA, Marcílio. *A contribuição da economia de mercado para o bem-estar social*.

29

Anna Beatryz Alves de Oliveira Sofientini¹ - anna.sofientini@etec.sp.gov.br

Emily Cristina Ferreira Santiago² - emily.santiago@etec.sp.gov.br

Gabrielly Lima de Andrade³ - gabrielly.andrade11@etec.sp.gov.br

Hellen Tavares Alcântara⁴ - hellen.alcantara@etec.sp.gov.br

Isaque Sergio Melo Alves⁵ - isaque.alves4@etec.sp.gov.br

Ygor Samuel Napoleão de Sousa⁶ - ygor.sousa01@etec.sp.gov.br

Disponível

em:

https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/3880/1/tcc_art_marciliosouzadosantos.pdf . Acesso em: 15 fev. 2024.

TEODORO, Maria; D'AFONSECA, Thaís; ANTONIETA, Maria. Disrupção, economia compartilhada e o fenômeno Uber. Revista da faculdade mineira de direito, v. 20, n. 39, p.1-30, 04/2017.

VILLANOVA, A. L. I. Modelos de negócio na economia compartilhada: uma investigação multi-caso. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.